

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Outubro, 1944.

Conversei ao acaso com um praça na frente, e calhou que era um rapaz de Barbacena. Chama-se Néilson Neves, e trabalhava na Central. Lembrando-me do tempo em que fazia reportagem política em Minas, e de uma eleição a que fui assistir em Barbacena, perguntei se o rapaz era do partido do Bias Fortes ou do Zezinho Bonifácio. Disse que ele e sua família eram do partido do Bias Fortes. Começou então a relembrar certos episódios da luta política local. Confessou que certos dias não tinha coragem de sair à rua em Barbacena, por causa da gente do Zezinho. Em compensação, quando Bias Fortes tomou conta da situação, a casa do Zezinho foi pichada. E Néilson teve este comentário raro: — Ah, isso aqui, perto de Barbacena daquele tempo, é um sossego...

Apreendeu-se depois a acrescentar que a luta aqui é dura mas a gente tem a vantagem de saber de que lado está o inimigo. Quando lhe pedi a impressão sobre os nazistas, respondeu:

— Lutam como a gente. Mas nós damos neles. Os alemães são grandes destruidores — dá gosto ver uma ponte arrebitada por eles. Fazem com muita perfeição, na terra do pobre povo italiano, a política da terra devastada, e isso com a aprovação, aliás completamente dispensável, de Mussolini. Nem sempre, porém, têm tempo para destruir tudo, e temos verificado isso no sector em que atuam as nossas tropas. Em uma localidade — Formachi — os brasileiros encontraram, juntamente com quatro nazistas mortos e um ferido que os alemães deixaram para trás, uma grande fábrica de munições e acessórios para aviões quase intacta.

O invasor nazista que se retira é acompanhado pelas pragas e maldições do povo. No dia seguinte àquele em que os brasileiros tomam conta de algum lugar, começam a aparecer, desceendo as montanhas,

homens e mulheres italianos. Isso é gente que enfrentou a alternativa de fugir para as montanhas ou ser agarrada pelos nazistas, que têm fome de bracos. Não há nisso qualquer exagero: todos são unânimes em dizer que os alemães pegam à força todos os jovens para lutar ou trabalhar para eles. A rapina das cidades e dos campos é tão completa quanto possível, e o que os brasileiros encontram nas cidades conquistadas é invariavelmente uma população famélica. Nosso comando já sabe disso, e envia na vanguarda mantimentos e cozinha. Deixando já hádo outras razões, não é de admirar que nossa gente seja bem recebida onde vai chegando.

Os oficiais brasileiros, como os de todas as outras nacionalidades dos 5° e 8° exercitos, não poupam louvores aos *partigiani*. São os guerrilheiros libertários italianos que lutam nas montanhas dos Apeninos contra os nazistas. Fazendo incursões súbitas contra postos nazistas, cortando de vez em quando suas linhas de comunicações, os *partigiani* são ainda muito úteis às nossas tropas porque, atravessando as linhas, vêm nos trazer as mais úteis informações sobre o adversário. São homens que sabem que, uma vez apunhalados pelos nazistas, não terão o tratamento devido aos prisioneiros de guerra. São tratados como se fossem bandidos, e invariavelmente fuzilados, muitas vezes depois de torturas.

Esses *partigiani* são quase todos italianos que lutam pela liberdade de sua terra. De vez em quando, porém, aparecem na frente do 5° Exército guerrilheiros de outras nacionalidades.

O que tem surpreendido nos *partigiani* é a perfeita disciplina existente nos pequenos grupos. Eles se apresentam à autoridade militar aliada, dão as informações que têm, se oferecem para alguma acção local e só depois disso regressam às suas montanhas, passando a linha por caminhos tortuosos que só eles conhecem.

Já escrevi que os brasileiros são bem recebidos onde chegam. O mesmo acontece com todas as forças aliadas, mas há um fator que facilita especialmente a boa compreensão de brasileiros e Italianos: a semelhança das línguas, que em muitos casos se resolve em camaradagem. A generosidade brasileira se mostra desde que desembarquemos, numa chuvosa manhã, vi, no comboio de caminhões que rumava para o acampamento, soldados brasileiros adivinhando cigarros, caramêlos e chocolates aos italianos que acenavam alegremente à beira da estrada. Não faltam, de resto, os pedintes, homens e mulheres e crianças de voz chorosa que sempre dizem a mesma coisa, que vou transcrever de ouvido, sem saber como se escreve direito em italiano:

“*Tutto rovinato. Tutto bombardato. Gli tedeschi hanno portato via tutti quanti. Niente a mangiare, molto lavoro. Una sigaretta, cola-cola, caramella... Una scioletta...*”
Mas nem sempre se trata de esmola. Muitas vezes há trocas de ci-

garros por vinhos ou frutas. A tremenda desorganização social causada pela guerra e as perturbações da vida familiar, principalmente em classes mais pobres, ora reduzidas à miséria, facilitam outras trocas menos comerciais. E na lindíssima Toscana, onde a cidade e o campo se harmonizam com uma doçura incomparável, nunca faltaram as garratas de vinho e admiráveis *signorine blonde*.

A guerra é dura, mas muitas vezes acontecem coisas aos nossos rapazes nesta guerra de que eles nunca se queixarão, nem terão vontade de esquecer.

É fácil notar que as populações das cidades estão em condições piores que as do campo, onde os *contadini* sempre têm alguma coisa que comer. Cachos louros de espigas de milho estão pendurados nas paredes das casinhas, o tomate é abundante, e em várias casas em que entendi a secar o maceratório doméstico. Em resumo, essa gente passa muitas necessidades, mas quem deixa os tristes becos das grandes cidades, o de ruínas antiquíssimas alternam com ruínas recentíssimas, e a miséria agrava todos os males sociais, tem uma impressão de pura beleza e alegria ao correr pelos campos bem plantados onde se amontoam, juntas às casas dos camponeses, os doces montes cônicos de feno.

BRAGA, RUIRUV. "Côntricas da
querra na Itália". Rio de Janeiro:
Ruvend, 1946, 32 páginas, pag. 36-38